

Crises econômicas

Gilberto de Mello Kujawski

Na sua desmedida presunção, a Economia se comporta como o famoso galo de Rostand, o qual acreditava piamente que, se não cantasse alto e bom som toda manhã, o Sol não nasceria. Afirmarções como esta, emitida em artigo anterior, podem desorientar o leitor, conduzi-lo à perplexidade, e merecem melhor explicação. Não são "paradoxos", nem mots d'esprit, nem lances de retórica. São expressões perfeitamente adequadas à opinião que alimenta o autor sobre o lugar e a importância da Economia na ordem das coisas.

No mundo inteiro, concede-se hoje à Economia muito mais espaço do que ela merece. A preocupação com o econômico desandou em paranóia, como se a Economia constituísse a substância da História, como se ela movimentasse os astros no céu e produzisse a germinação da vida na Terra. Na hierarquia do saber a Economia ocupa hoje o mesmo lugar da Teologia na Idade Média, ou da Física até o século passado. Guarda-livros de nível universitário, como Delfim Netto, ou Roberto de Oliveira Campos, são ouvidos com mais respeito que o oráculo de Delfos, principalmente quando anunciam o final dos tempos, sentenciando ironias da alta curul de seu hedonismo de tecnocratas. O menor desarranjo no equilíbrio da produção e do consumo, qualquer crise econômica é interpretada como a queda irremediável no abismo, a vizinhança iminente do caos. O exagero é manifesto, mesmo sem querer ser otimista.

O melhor antídoto para essa histeria coletiva de aniquilação, comandada pelos grãos-sacerdotes da tecnocracia, que perderam recentemente o poder, é parar um pouco para refletir. Indagando, por exemplo — que é crise econômica? Os economistas são incapazes de responder a esta indagação, porque não basta para tanto saber economia; é preciso entender o que é crise, problema que não está no horizonte mental do economista vulgar.

O exagerado prestígio hoje concedido à Economia resulta de que o mundo nunca foi tão rico como agora, nunca antes se produziu tanto, se consumiu e se vendeu tanto. Esse processo de enriquecimento crescente teve sua origem histórica a partir da modernidade, há quatro séculos. Modernidade e enriquecimento andam juntos, não só na Europa moderna, como desde Grécia e Roma, que se enriqueceram à medida que chegaram à etapa decisiva da modernidade. A qual significa a dilatação crescente das possibilidades vitais de um povo, ou de um grupo de povos, em todos os sentidos e direções. Modernidade é a ruptura da ordem tradicional, estática, conservadora, imobilista, dentro da qual as opções de trabalho, de lazer, de preferências são contadas e limitadíssimas. Em contraste com a ordem tradicional, petrificada no tempo e no espaço, a modernidade irrompe como verdadeira revolução de usos, de expectativas, de viabilidades totalmente inéditas e até inimagináveis. Quebram-se os limites do cotidiano, a vida se alarga em todos os quadrantes, o homem recondiciona sua capacidade de projeção, de invenção, de renovação. Já não quer fazer como faziam seus pais e seus avós; nega o passado e afirma o futuro com energia criadora antes desconhecida. O mundo inteiro é varrido por uma febre de operosidade multiforme. A medida que o homem multiplica e diferencia suas possibilidades, a vida sobe de nível, torna-se mais livre e apta a produzir não só materialmente, como, sobretudo, espiritualmente, no campo da ciência, das letras, das artes, da religião, da moral. O sentido forte,

primário e essencial da riqueza, isso que se chama riqueza, está nessa plethora incontida, nessa pujança de vida, nessa multiplicação universal de possibilidades, que caracteriza a modernidade. Sustento que o sentido material de riqueza, como aparece na Economia, é aceitação secundária e derivada daquela outra significação magna e originária. Pela simples e boa razão de que um povo só pode progredir materialmente, inserido num contexto de renovação universal de possibilidades, ou seja, no horizonte de transformação radical da vida, que é a modernidade (que significa, ao pé da letra, "novos modos" de vida). Os primeiros criadores de riqueza não foram os capitalistas e banqueiros da Renascença, foram Cristóvão Colombo e os navegadores e descobridores de terras, que, alargando o mundo conhecido, permitiram aos capitalistas e banqueiros acumular fortuna.

Pois bem, toda essa exuberância de possibilidades novas, inaugurada ao despertar da modernidade, é fonte de progresso na medida em que impele o homem para a frente, em busca de horizontes inexplorados. Por outro lado, ocorre que o enriquecimento crescente e progressivo das possibilidades de ser e de fazer carrega, embutido no selo, o germe das crises mais perturbadoras e turbulentas. Por quê? Porque é lei da História que sempre que o homem começa a enriquecer, arrebatado pela maré crescente da prosperidade universal, ele sofre, inevitavelmente, a ameaça de afogar-se na própria abundância. Isso é lei da História e é da experiência da vida, da experiência larga da vida. Algo que não escapou à perspicácia de Ortega, ao enunciar que toda crise humana se origina em que o homem se afoga em sua própria abundância.

De onde se segue que a tempestuosa crise econômica que atravessamos, sem embargo de sua extrema e negável gravidade, não deve ser exagerada catastroficamente, como algo de anômalo e situado fora da esfera da previsibilidade histórica. A crise econômica nacional não constitui fenômeno nem anormal, nem imprevisível, mas perfeitamente situado na evolução da curva de nosso progresso. Crise de crescimento, pois não se cresce impunemente. Nossa crise econômica foi gerada pela própria propulsão de nossa Economia nos últimos anos; e, fosse qual fosse a política econômica adotada pelo atual governo, ou pelos últimos governos, ela estaria presente da mesma forma. Pensemos, por exemplo, no fenômeno da inflação, que se localiza na raiz de nossos males. A inflação não floresce em economias estagnadas, condenadas ao mais rígido imobilismo. A inflação é própria da economia que está acelerando seu processo de crescimento. A inflação nada mais consiste que na corrida entre as possibilidades, os projetos, que ganham cada vez mais impulso, e os recursos que, ao procurarem crescer na mesma proporção, dão lugar ao disparo das emissões e à desvalorização da moeda. Nada disso ocorreria se a economia brasileira estivesse contida nos estreitos limites de 40 anos atrás e se o Brasil se conformasse com sua imagem falsamente bucólica de país "essencialmente agrícola".

A Economia pode aprender muito com a história da aviação. A frequência alarmante das quedas de aviões não apavorou os aviadores nos primeiros anos de navegação aérea regular. Serviu para que a aeronáutica aprendesse a construir aparelhos mais seguros e aperfeiçoasse adequadamente a técnica de voo. E verdade que se não inventassem a aviação nenhum avião cairia.